



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, de autoria da Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos.

Editora: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos (Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*) - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>
<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>

Revista indexada em:

NACIONAL

WEBQUALIS - <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam> - da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil), em **nové** (atualizado em 27/out./2013) subáreas do conhecimento (conforme tabela da CAPES/2012): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Geografia (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B3**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Artes/Música (**B5**), Multidisciplinar: Ensino: Ensino de Ciências e Matemática (**B2**), Multidisciplinar: Biotecnologia (**C**).
GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>
DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>
GOOGLE SCHOLAR - <http://scholar.google.com.br>
IRENIE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>
LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

n. 15 (jul. – dez. 2013), dez./2013

**ESTUDOS COMPARATIVOS EM EDUCAÇÃO: ANÁLISE DE DISCURSO EM
FOUCAULT**

**COMPARATIVE STUDIES IN EDUCATION: ANALYSIS OF DISCOURSE IN
FOUCAULT**

Maria Neide Sobral

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) 

Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS) 

E-mail: sssobral@gmail.com

Artigo recebido em 30/ago./2013. Aceito para publicação em 7/nov./2013. Publicado em 20/dez./2013.

COMO CITAR O ARTIGO: SOBRAL, Maria Neide. Estudos comparativos em educação: análise de discurso em Foucault. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 15 (jul. – dez. 2013), Feira de Santana – Bahia (Brasil), dez./2013. p. 171-184. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.

RESUMO

Esse estudo se propõe em apresentar algumas interfaces investigativas de uso das ideias de Foucault (2000, 2005) na pesquisa em educação, no âmbito dos estudos comparados (RÜSEN, 2001, MADEIRA, 2011), a partir da análise de discurso (BRANDÃO, 2004; FISCHER, 2001; FLORIN, 2011). Nosso propósito foi o de refletir sobre a necessária renovação dos estudos comparados na História da Educação e oferecer pistas didáticas para a realização de pesquisa que tome o discurso como centralidade, tomando como base ideias como: discurso, enunciado e formação discursiva, dentre outras. Utilizamos para isso nossa experiência como pesquisadora e um levantamento bibliográfico, podendo, assim, discutir e apontar conexões de natureza intercultural que nos desafiam para abraçar cada vez mais os estudos comparados em educação do ponto de vista histórico. Ademais, reafirmamos a fecundidade das ideias foucaultianas para análise de discurso em investigações no campo da educação, particularmente em impressos que nos permitem acompanhar, analisar e compreender a circulação de modelos pedagógicos. Palavras-chaves: Estudos comparados. Foucault. Análise do discurso. História. Conexões.

172

ABSTRACT

This study aims to present some investigative interfaces using the ideas of Foucault (2000, 2005) in educational research, in the context of comparative studies, based on the analysis of discourse (2000, 20005). Our purpose was to reflect on the necessary renewal of comparative studies in the history of education and offer simple clues to conduct the research that take the speech as centrality, based on ideas such as: speech, enunciation and discursive formation, among others. We use this to our experience as a researcher and a literature, and thus can discuss and point out connections of intercultural nature that challenge us to embrace more and more comparative studies in education from the point of view of history. Furthermore, we reassure the fecundity of the Foucault ideas in Analysis of Discourse and investigation in education field, particularly in printed materials that allow us follow, analyse and comprehend the circulation of pedagogical models. Keywords: Comparative studies. Foucault. Analysis of discourse. History. Connection.

POSTO DE OBSERVAÇÃO

Propomos-nos nesse texto, a fazer algumas aproximações teóricas e empíricas no campo da metodologia da pesquisa, tomando como base a análise de discurso em Foucault, na



perspectiva histórica comparativa. Análise de discurso, entendida no contexto de uma área disciplinar, como uma técnica de pesquisa que se detém nesta dimensão da linguagem (BRANDÃO, 2001; ARAÚJO, 2004, FLORIN, 2011). Nossa base de análise é o enfoque arqueológico e genealógico do discurso, para entender que a análise do discurso distende a linguagem para o domínio tanto social quanto institucional e se remete a outro discurso (rede discursiva), criando assim relações de saber e poder (FOUCAULT, 2000, 2005).

Nossa preocupação foi a de buscar alguns elementos teóricos em Foucault, que contribuem para a investigação no campo da Educação, particularmente sobre os discursos pedagógicos e de como estes se organizam em um conjunto complexo de saberes, destinado a produzir, transformar e regular as condutas de indivíduos nas escolas. Mediante formas próprias, por vezes irregulares e descontínuas desses discursos que circulam e atuam de forma capilar e emblemática, podemos perceber que as apropriações de modelos de organizações escolares, de políticas educacionais e de práticas pedagógicas fazem parte de uma rede mais ampla de interdependências que ultrapassam fronteiras locais. A educação, neste sentido, incorpora a condição de objeto mestiço (no sentido de GRUZINSKI, 2004), prestando-se a várias pertencas culturais que foi adaptado, incorporado, imposto, negociado por diferentes países, em períodos históricos e espaços geográficos distanciados.

HISTÓRIA COMPARATIVA: CONEXÕES INTERCULTURAIS

Comparar... Encontrar os elos... Conectar... A certeza de que se vive em um único planeta, permite-me entender o processo de desterritorialização, graças aos processos migratórios, ao encurtamento das distâncias por conta do desenvolvimento dos transportes e, sobretudo, dos avanços das tecnologias da informação e comunicação. Isto nos permite traçar alguns enunciados sobre as potencialidades dos estudos comparados em educação, sobretudo, em relação à circulação dos discursos, incidindo em apropriações, negociações, mutações, imposições, trocas e transformações em diferentes tempos e espaços. É o que Gruzinski (2004) intitula de história conectada, que implica na circulação e apropriação de artefatos, práticas, ideias, normas, valores que em si, mantém elos entre diferentes culturas. Nesse sentido:

O exercício comparativo nos diz sobre as indagações que ainda fazemos sobre as discontinuidades e continuidades entre as sociedades, as culturas, as categorias e os valores humanos. Fala também que, e de certa maneira, ainda compartilhamos o que Foucault designava como *épistémé* da semelhança e da diferença (KOFES, 2004, p. 48).

A educação, sendo criação humana, pode ser considerada como um produto nos jogos de encontros e desencontros entre culturas e civilizações, devendo escapar de análises que se prendessem a uma “armadilha territorial” passando a se confrontar com horizontes planetários. Neste caso, considerando-a enquanto objeto mestiço, a educação forneceria informações sobre os desdobramentos da civilização ocidental e também sobre as modalidades de sua expansão (GRUZINSKI, 2004). Isto é, como produto e produtora de misturas constituídas de diversas interações, trocas, mediações e negociações culturais, provocadas pela difusão, circulação e (re)



apropriação de diferentes modelos educativos entre Oriente e Ocidente, entre continentes, países e estados.

Na percepção de histórica comparativa intercultural (RÜSEN, 2006), é possível considerar o crescente processo de comunicação internacional e intercultural em todos os campos da vida, levando-nos ao desafio de compreendermos o modelo escolar a partir do compartilhamento e a combinação de vários elementos da cultura escolar, partilhado por outras culturas. Cultura escolar entendida aqui como sendo a composição de normas, valores, práticas que envolvem a produção/construção de conhecimentos e saberes sobre o ensinar e o aprender circunscrita a determinados contextos (espaço e tempo), fomentando certos princípios educativos destinados para a formação de um tipo de homem e de sociedade (JULIA, 2001). Trata-se de uma cultura produzida para/na escola, como subordinada a uma mediação pedagógica, com características próprias (FORQUIM, 1993).

Nesse sentido, o deslocamento do presente para o passado, da imersão em diferentes contextos escolares e as ligações entre estes, permite-nos compreender, de fato, a possibilidade de pesquisar sobre educação (enquanto objeto mestiço), considerando-a como uma prática social e cultural, na perspectiva comparativa intercultural. Assim: “a perspectiva de uma história conectada abre possibilidades de análise, no campo educativo, à percepção da circulação dos objetos culturais e inibe recorrência a interpretações que apostam no isolamento das sociedades ou no deslocamento das culturas” (VITAL, 2005, p. 90).

Na Europa Ocidental, na América do Norte e na América Latina evidenciava-se, desde a Renascença, a comparação a partir das navegações e seus viajantes que recontavam e reinterpretavam os modelos pedagógicos aonde iam e os difundiam nos seus países. Ianni (2003), por exemplo, destacou as viagens como um recurso comparativo excepcional para as Ciências Sociais. Os viajantes revelavam, através de suas narrativas, o que se sabia e o que não se sabia; o que era conhecido e o que era desconhecido; o que estava próximo e o que se encontrava distante. A viagem dissolvia as fronteiras e as recriava. Viagens pedagógicas têm ganhado espaço na literatura da história da educação, trazendo inúmeros indícios de como as conexões eram feitas entre diferentes realidades educativas (MINOT, GRONDA, 2007; SOBRAL, 2010).

A comparação revelava-se, assim, como um experimento capaz de evidenciar contrapontos entre situações, ações, relações, processos de diferentes realidades. Os resultados dessas viagens eram publicados em forma de relatórios e, em alguns casos, em jornais já no século XVII. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transportes, a interlocução entre os intelectuais ampliou-se exponencialmente através da realização de missões de estudos, atividades diplomáticas, congressos, feiras e eventos culturais de diferentes naturezas.

Os modelos pedagógicos têm sido historicamente um dos elementos de conexão cultural entre povos. O estudo de Hans (1971) foi bem ilustrativo nesse sentido, assinalando os primórdios da educação comparada que, no início do século XIX, se deu a partir de relatos de viagem de intelectuais a outros países e sua posterior publicação, ora descrevendo modelos e experiências, ora apontando-a como possível modelo a ser adaptado em seus países de origem. Esse autor procurou descrever e comparar os sistemas de ensino de quatro países (Estados Unidos, França, Inglaterra e Rússia) a partir de fatores de ordem natural (raça, língua, geografia e economia); ordem religiosa (catolicismo, protestantismo, anglicanismo e puritanismo) e cunho ideal (humanismo, socialismo, nacionalismo e democracismo). Verificou, então, as influências desses fatores nos referidos sistemas de ensino, em sua administração e organização didática.

Lourenço Filho, no Brasil, realizou estudo teórico-prático sobre Educação Comparada, também partiu da ideia de que esta nasceu com a organização dos sistemas nacionais de ensino,



cujo objetivo principal foi o de fortalecer e aperfeiçoar os referidos sistemas, em sua estrutura e nos métodos utilizados. Assim, conceituou a educação comparada como “conjuntos dotados de configuração própria, sentido peculiar, como unidades complexas, em que se pode proceder à análise do processo educacional em toda a sua riqueza de aspectos e variedade de condições” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 10-11). O autor incluiu a educação comparada no domínio dos estudos interdisciplinares, devendo os sistemas de ensino ser compreendidos, quando referidos à sociedade nacional a que servem, em razão de objetivos, tradições e características específicas.

Marcado por uma comparação por vezes etnocêntrica, já que os modelos eram vistos a partir do patamar do mais civilizado e do menos civilizado, esses estudos comparativos acabou submergindo em críticas por marcar a diferença, através de um olhar hierarquizante.

Na última década temos acompanhado o revigoramento dos estudos comparados, de forma mais problematizadora, enfocando as apropriações e circulação de modelos educacionais, particularmente na construção da escola como instituição da modernidade. Trata-se de um campo em aberto e em fermentação, pronto para buscar mais que elementos de diferenças e semelhanças, pontos de conexões entre modelos educativos em todo o mundo.

Isto, em tempos atuais, com acelerado desenvolvimento das tecnologias digitais, as viagens de outrora, em períodos longos de navegação, ou mesmo as viagens de aviões, são cada vez mais agregadas às viagens virtuais, às interfaces comunicacionais, facilitando e imprimindo marcas próprias nesse processo de comparativo.

Estabelecem-se em movimentos crescentes de rupturas, mudanças, adaptações, reatualizações contínuas e descontínuas na busca de uma verdade sobre a validade de determinados saberes e dizeres. Neste sentido, a compreensão de *épisteme* (enquanto prática discursiva) e dispositivos (enquanto prática discursiva e não discursiva) em Foucault potencializam a investigação de objetos no campo educacional nos eixos fundadores das ciências que desenham a Educação. Quais os pertencimentos dos discursos pedagógicos? Seria possível entender esse objeto educação, circunscrito apenas a determinado contexto e época?

A universalização de saberes ligados à escola esteve presente desde as grandes navegações, no século XVI e XVII, com o ensino jesuítico e com a difusão crescente das comunicações (impressas, analógicas e, atualmente, digitais) garantindo os processos de circulação de discursos, práticas e ideias de modelos locais, sem que a nitidez fronteiriça e o sentido de pertença a uma cultura dita ocidental tenham deixado de prevalecer. É o que Azevedo (2007) indica como a construção de um modelo educativo mundial, de natureza transnacional (SANTOS, 2008).

Os suportes tecnológicos, particularmente no setor das comunicações, possibilitaram os circuitos de trocas culturais, sejam elas impositivas no processo de colonização, sejam elas negociadas pela expansão do capitalismo, permitindo a compreensão de modelos de organização e de práticas pedagógicas em determinadas configurações culturais. Eles “são difundidos a partir de modelos mundiais, selecionando, reinterpretando e adaptando esses elementos de acordo com as necessidades (culturais, profissionais, institucionais) específicas” (MADEIRA, 2011, p. 83).

Impor modelos pedagógicos foi a tônica dos colonizadores sob os colonizados; imitar modelos, evidenciou-se condição essencial para o desenvolvimento de países entre o final do século XIX e início do século XX. Hoje, considerando estes saltos temporais, emerge processos de sedução e de construção de um modelo internacional, especialmente no ensino superior, como marca registrada de formação de uma nova *épisteme* discursiva, com a política transnacional, muitas delas implementadas pela União Europeia – UE.



Como o próprio Foucault nos alerta, a tentativa crescente de universalidade do discurso ocidental, na qual a Europa, funcionando como discurso de verdade, chegou à escala mundial, não pode ser desligada das relações de poder. Esse momento forte se deu entre os séculos XVII e o século XIX, e foi intitulado por Foucault como o limiar da modernidade, no qual começou no campo educacional, a universalização da chamada Pedagogia Moderna (CAMBI, 1999). Na atualidade, há uma nova tentativa desencadeada pela Europa de construção de uma nova ordem educacional, dentro das diretrizes da UE, centrada no princípio de aprendizagem ao longo da vida, especialmente no ensino superior, com o Acordo de Bolonha (1999) e todas as políticas advindas posteriormente, como ressalta Antunes (2008). Talvez possamos usar a metáfora de **que quem foi rei jamais perde a majestade**.

Nesse sentido, optamos em acompanhar os estudos comparados na trilha de histórico crítico, em Madeira (2011, p. 83), no tocante a feitura de estudos comparados, pois: “aquilo que se verifica é, pelo contrário, que cada configuração cultural se apropria das ideias, dos modelos de organização, dos esquemas de resolução de problemas ou de políticas que são difundidas a partir dos modelos mundiais”.

Nosso foco, portanto, é acompanhar esse movimento de continuidade e descontinuidade, em nível discursivo, mediante uma aproximação com Foucault, como possibilidade de entender, em nível discursivo, pontos de conexões entre enunciados pedagógicos.

POR QUE FOUCAULT?

Foucault nos possibilita instrumentos analíticos importantes para a investigação no campo da Educação, seja em relação aos discursos pedagógicos, a governabilidade, punição, disciplina, saberes e práticas, dentre outros temas. Enfim, a fecundidade de suas obras, multifacetárias e complexas, trazem implicações e desafios importantes na apropriação de conceitos, entendidos aqui como feixes de ferramentas teóricas, capazes de orientar práticas investigativas.

Não é fácil compor um quadro teórico foucaultiano, pois sempre corremos riscos de não conseguirmos dar conta efetivamente do seu dito, dada as mutações sofridas pelo seu pensamento, que se ampliam vertical e horizontalmente em sentidos que se entrelaçam na composição emblemática do seu próprio posicionamento em relação ao conhecimento (saber), ao fazer (ações do poder) e ser (ética). Talvez seja o que o fez falar de si mesmo como um pirotécnico (POL-DROIT, 2004, p. 70).

Um pirotécnico é, inicialmente, um geólogo. Ele olha as camadas do terreno, as dobras, as falhas. O que é fácil cavar? O eu vai resistir? Observa de que maneira as fortalezas estão implantadas. Perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto. Uma vez tudo isto bem delimitado, resta o experimental, o tatear. Envia-se informes de reconhecimento, aloca-se vigias, mandam-se fazer relatórios. Define-se, em seguida, a tática que será empregada. Seria o artilheiro? O cerco? Seria a tocha ou bem o ataque direto? O método, finalmente, nada mais é que esta estratégia.



Há estudos que assinalam pesquisas no campo da Educação orientadas por suas obras, articulando bem o saber ao poder, bem como as tecnologias do eu, na produção de sujeitos em determinados contextos sociais. Dentre eles, destacamos o de Veiga-Neto (2005), que enfatiza didaticamente as apropriações do pensamento de Foucault para Educação, fazendo um paralelo entre o que se convencionou para as etapas de transformações de suas obras, arqueologia, genealogia e ética. Esse autor considera aponta os chamados domínios foucaultianos: ser-saber, ser-poder e ser-consigo.

Jardine (2007, p. 16) discorreu sobre as possibilidades de instrumentos analíticos para a teoria e prática da educação. Suas ideias trazem alguns *insights* que “nos ajudam a trazer à consciência que aquelas coisas na nossa sociedade e nos nossos espaços educativos que mais assumimos como óbvias, necessárias, naturais, normais ou inevitáveis não são necessariamente, mas são antes o resultado de decisões humanas que poderiam ter sido tomadas noutros sentidos”. Ampliou assim a compreensão das técnicas de poder e saber que a sociedade Ocidental utilizou e exercitou ao longo dos últimos séculos.

Peters e Besley (2008) ressaltaram novas diretrizes para a pesquisa no campo da Educação com Foucault, mediante discussões teóricas e práticas de investigação. Na posição desses autores, evidenciou-se a elasticidade de seu pensamento, podendo escolher possibilidades múltiplas, dentro de uma interpretação construtivista.

Ressaltamos, sobretudo, o trabalho de Madeira (2011) com foco na educação comparada, apontando como Foucault contribuiu para o entendimento do conjunto de aparelhos de governos específicos e a complexidade dos saberes, destinados a produzir, controlar e modificar a conduta individual, mediante as tecnologias de poder.

Esses estudos, a despeito de ser uma pequena amostra a respeito das interfaces investigativas de uso das ideias de Foucault e educação, apontam a concretude da circulação de modelos pedagógicos pelos impressos.

Nosso propósito aqui é trazer alguns indícios sobre análise do discurso na Educação, tomando como referência esse autor, não como um método fechado, mas como pistas didáticas para o processo investigativo na área. Para isso, nos debruçamos sobre algumas noções: discurso, enunciado e formação discursiva.

DISCURSO E SEUS ENUNCIADOS NA FORMAÇÃO DISCURSIVA DO CAMPO PEDAGÓGICO

De um modo geral, o discurso no campo das ciências sociais pode ser pensado como um *corpus* de ideias, conceitos e crenças que formatam os conhecimentos em textos que os expressam. O discurso, em Foucault (2005, p.147), é formado por um conjunto de enunciados efetivos (falados e/ou escritos) que tem pertencas a diferentes áreas de conhecimento, porém, obedece a certas regras de funcionamento em comum e revelam um mesmo sistema de formação. Esses enunciados são, portanto, unidades do discurso nem sempre fáceis de precisar, pois não podem ser recortadas simplesmente como palavras, frases e pequenas partes textuais, mesmo que por vezes coincidam, mas como uma função enunciativa.

O discurso, considerado como um conjunto de enunciados, enquanto acontecimentos na e da ordem do saber, precisa evitar alusões a noções correntes tais como de autor, de obra, origem da mesma, bem como histórias das ideias, no entendimento de Foucault. Araújo (2004), nessa



direção, afirmou que o discurso deve se ater ao efetivamente dito, pois os enunciados mudam conforme a formação discursiva em que se encontram dispersos. Analisar não é interpretar “para chegar ao âmago, isto é, o que realmente se quis dizer (sentido literal). Os discursos não possuem âmago, não são um conjunto de significações. São séries de acontecimentos que a ordem do saber produz e controla” (ARAÚJO, 2004, p. 236). Assim, na perspectiva foucaultiana, tornou-se possível apresentar determinado enunciado que apareceu e nenhum outro, nos limites e na singularidade de seu aparecimento, obedecendo, porém, certas regras de funcionamentos comuns, enquanto produção de saberes, de estratégias e práticas (REVEL, 2005).

O discurso ingressou na ordem do discurso disciplinar, isto é, entrou nos limites fixados pelos que detêm o poder; dominou suas aparições aleatórias e selecionou os sujeitos que poderiam falar. Isto implicou e definiu uma pertença recíproca. São esses discursos orientados pelos princípios de continuidade e descontinuidade que devem ser considerados como práticas que por vezes se cruzam e se ignoram e são normalmente descontínuas. Assim, estes são constituídos pelos “enunciados que se dispõem numa formação discursiva na qual eles se encontram em relações determinadas, regidas pelos princípios da reutilização, da dispersão, da exterioridade, do acúmulo, da efetividade” (FOUCAULT, 2000, p. 131).

Quando tratamos de discurso no campo pedagógico, estamos nos referindo ao conjunto de enunciados que emergiram, em determinadas épocas e locais, sobre a problemática da Educação, em particular, escolar, que podem ser vinculados a outras áreas de saber; constituem aquilo que Foucault chama de sistema de formação discursiva. O discurso pedagógico do final do século XIX, por exemplo, era marcadamente higienista. Para entender os enunciados destes discursos temos que nos aventurar na cata de documentos em diferentes áreas de saber, da engenharia e todo o processo de renovação das cidades, da arquitetura, da medicina, etc., para dar *corpus* ao que Foucault intitulou inicialmente de *épistémè*, substituindo-o, posteriormente, por dispositivo, na medida em que o primeiro termo limitava-se a um dispositivo linguístico e o segundo às estratégias, às técnicas e às formas de assujeitamento dos indivíduos ao poder.

Detemo-nos, portanto, nessa primeira fase ou domínio de Foucault, chamado de arqueologia, em que o discurso ser-saber, no dizer de Veiga-Neto (2005), era um elemento central, sem desconsiderar as transformações ocorridas em sua obra, como já nos referimos, especialmente a partir da década de 1970, em que se voltou mais para análise das práticas e das estratégias (genealogia) e as formas de assujeitamentos utilizadas pelos poder, centrando-se, portanto, nos dispositivos como operadores materiais do poder (REVEL, 2005).

ANÁLISE DE DISCURSO NA EDUCAÇÃO: UM EXEMPLO

Fischer (2001) alerta-nos para a necessidade de precisar melhor alguns conceitos utilizados em pesquisas no campo da educação sobre discursos de docentes e alunos, em textos oficiais, dentre outros, tomando como base ideias de Foucault. Ao tratar da análise do discurso Fischer (2012, p.101) afirma que isto implica em “apreender as coisas ditas como acontecimentos, alto que irrompe num tempo e num espaço específico, ou seja, no interior de uma determinada formação discursiva – esse feixe complexo de relações que faz coque algumas coisas possam ser ditas (e recebidas como verdadeiras), num certo momento e lugar”. Procuramos então analisar o discurso a partir da apreensão do enunciado na “estreiteza e na singularidade do seu acontecimento; de determinar as condições da sua existência, de fincar com



a máxima justeza os seus limites, de estabelecer as suas correlações com os outros enunciados que podem estar-lhe ligados, de mostrar que outras formas de enunciação o enunciado exclui” (FOUCAULT, 2005, p. 56).

Foucault entende o enunciado como um acontecimento que, de um lado, está ligado a uma palavra, de outro, abre existência no campo da memória, em sua forma de registro, sua materialidade. Isto implica que ao fazermos análise do discurso, fugimos ao lugar comum dos operadores sintéticos, tais como intencionalidade do autor, seu pensamento e o rigor do mesmo, seus projetos de existências e que podem ser atribuídos significados, para nos determos em outras regularidades, outros tipos de relações dos enunciados em si, mesmo que não sejam com a mesma autoria, mas que estabelecem relações com outros enunciados diferentes, de outras áreas. Cabe-nos descrever os jogos dessas relações na chamada formação discursiva.

Para realizarmos uma análise de discurso na Educação, descrevendo seus enunciados, temos que levar em contas alguns elementos básicos, como alerta Fischer (2001): 1- a referência a algo que identificamos; 2- o fato de ter um sujeito, alguém que pode efetivamente afirmar aquilo; 3- o fato de o enunciado não existir isolado, mas sempre em associação e em correlação com outros enunciados do mesmo discurso (no caso, o discurso pedagógico) ou de outros e, finalmente, 4 - a materialidade do enunciado, as formas muito concretas com que ele aparece, nas enunciações que aparecem em textos pedagógicos, em falas de professores, nas mais diferentes situações, em diferentes épocas.

A partir desse norte, procuramos exemplificar a descrição dos enunciados de um discurso a partir de uma investigação concreta: a veiculação dos discursos pedagógicos no impresso O Século, em Portugal, na década de 1910 e o Correio de Aracaju, em Sergipe (Brasil) no mesmo período?¹ Concretamente, partimos de um corte provisório, discurso jornalístico na grande imprensa local, em que se publicavam matérias sobre Educação, muitas das quais em primeira página, com indicativos sobre a modernidade pedagógica. Quando optamos pelas matérias publicadas em um impresso de grande circulação em Portugal e em Sergipe estávamos atentos a dois elementos: possibilidade de distribuição do referido impresso (em Portugal e além-mar; em Aracaju e outros municípios sergipanos) e a diversidade de leitores: especialistas, professores, curiosos, enfim, leitores em geral. Procedemos então o levantamento e descrição dos temas publicados durante dez anos, no Jornal O Século, e em Sergipe, no Correio de Aracaju. As relações entre os enunciados presentes nos impressos eram numerosas, densas e possíveis de ser descritas, embora tragam características próprias em relação ao gênero jornalístico, ao nível de desenvolvimento da imprensa. Porém, ambos defendiam desde suas origens ideias republicanas.

As conexões entre os impressos estabeleciam-se em nível discursivo, pois as unidades discursivas colhidas nas matérias publicadas formam um conjunto, isto é um mesmo objeto – o discurso pedagógico. Entretanto, cabe salientar que a busca da unidade de discurso para dar conta de um objeto não é algo pacífico, já que implica em reunir um conjunto de enunciados por vezes dispersos, sua forma e seus encadeamentos, dando conta de sua identidade e de sua persistência. No impresso O Século, as ideias pedagógicas circulavam ao sabor dos ventos da jovem República instituída, inspiradas na Pedagogia Moderna e, no decorrer da década, na inadequação das condições materiais da sociedade portuguesa, particularmente as da Educação.

¹ Trata-se de exemplo retirado de nossa tese de doutorado (SOBRAL, 2007). Recortamos para esse texto, alguns elementos desse estudo, pois o mesmo teve uma dimensão mais ampla, de discutir os sentidos da modernidade pedagógica nos discursos jornalísticos de dois impressos: O Século (Portugal) e o Correio de Aracaju (Sergipe/Brasil). Período realizado em Portugal com bolsa da CAPES.



No Correio de Aracaju, as publicações circundavam aspectos de modelos e práticas educativas de outros países e do sul do Brasil, como São Paulo e Minas Gerais.

A análise do discurso do impresso nos indicou, então, a determinação da emergência dos discursos, em que surgiram (superfícies), considerando as diferenças de seus enunciados; quem tinha o poder de enunciar, isto graças ao lugar que ocupava e, assim, **podemos descrever** suas especificidades.

1. A referência a algo que identificamos

A descrição do dito pedagógico em matérias nos impressos O Século e no Correio de Aracaju, se tratava, em linhas gerais, das mesmas questões e temas. Eram enunciados que apresentavam continuidades e descontinuidades, mas que compunham uma mesma rede de saberes, ideias e interesses. Os dois jornais tratavam de questões pedagógicas em um mesmo circuito, de tal forma que o dito sobre o real de lá (Portugal) e o dito sobre o real de cá (Sergipe) induziram-me ao conceito de *épistémé* (FOUCAULT, 2005), já que estes saberes surgiram em determinadas condições de possibilidades, a despeito de realidades distintas.

O antigo e novo se confluíam entre atraso e progresso, como duas realidades bem demarcadas entre a monarquia e a república, em Portugal; entre o império e república no Brasil. Esse ponto de conexão pode ser estabelecido também entre a crença que fundava os redatores e colaboradores dos impressos, um viés Positivismo: Cientificismo, no Brasil, e Cientismo, em Portugal, do qual tanto a educação de Portugal quanto a de Sergipe/Brasil foram herdeiras.

Em ambos os impressos a força da palavra foi a imitação. Para isso redatores e colaboradores arregaçaram as mandas para compor modelos e processos pedagógicos. Modelos estes que pudessem entrar em sintonia com a orquestra da modernidade, superando os vícios de uma educação calcada em valores contrários ao avanço do país e do estado em direção à civilização. Retomando o conceito modernidade pedagógica, pude verificar que os discursos jornalísticos em O Século e no Correio de Aracaju conectavam em torno de uma mesma rede de significados, porém com enunciados descontínuos graças à realidade onde circulavam: nos debates sobre a organização do ensino, que incluíam, sobretudo, novos espaços escolares.

2. O fato de ter um sujeito, alguém que pode efetivamente afirmar aquilo.

Redatores e colaboradores estavam ocupando determinada função social que os habilitava a dizer o que tinha a dizer. Além dos relatores, os colaboradores se empenham em assumir sua função missionária, a exemplo de Helvécio de Andrade, pois foi ele quem mais se debruçou no Correio de Aracaju sobre questões pedagógicas, tanto do estado como de fora dele. Possivelmente a personagem mais evidente na discussão da Pedagogia Moderna do Estado de Sergipe. Em Portugal, certamente, destacou-se como figura de proa João de Barros. Sua fala, nas entrevistas e nos inquéritos realizados pelo O Século, demonstrava profundo comprometimento com as questões pedagógicas. Ambos plasmados pelo desejo de assunção, enquanto médico e enquanto bacharel, nas coisas da instrução, e portadores da boa nova sobre a escola moderna. Foram figuras ímpares, mas não exclusivas na difusão da Pedagogia Moderna.

3. O fato de o enunciado não existir isolado, mas sempre em associação e correlação com outros enunciados do mesmo discurso (no caso, o discurso pedagógico) ou de outros.



O fato de o enunciado não existir isolado, mas sempre em associação e em correlação com outros enunciados do mesmo discurso (no caso, o discurso pedagógico) ou de outros discursos. A cada matéria lida, a política e o fracasso do ideário educacional republicano; o distanciamento da escola portuguesa das outras de países do mesmo continente, dos Estados Unidos e até do Brasil, onde já se destacavam algumas escolas como modelos, em estados mais desenvolvidos, a exemplo de São Paulo. O retorno às ações missionárias, se não dos jesuítas devidamente excluídos, mas dos “amigos da escola” para a construção de prédios escolares; o sentido missionário da República e os problemas advindos da Primeira Guerra Mundial, cujas consequências do ponto de vista econômico e social foram graves para o país, além dos problemas internos de disputa de poder entre os republicanos e entre estes e os monarquistas somavam-se a uma conjuntura internacional de recuperação das mazelas da guerra, trazendo desalento e perplexidade para muitos.

Os discursos jornalísticos de *O Século* (Portugal) e do *Correio de Aracaju* (Sergipe/Brasil), a despeito de trazerem temas pedagógicos diferenciados traduziam uma mesma percepção e assimilação de modernidade pedagógica presente no cenário internacional, apesar dos avanços de alguns países da Europa e dos Estados Unidos, e caminharam pela renovação da escola dentro dos preceitos escolanovistas.

4. A materialidade do enunciado, as formas muito concretas com que ele aparece, nas enunciações que aparecem em textos pedagógicos, em falas de professores, nas mais diferentes situações, em diferentes épocas.

Após essa descrição geral do arquivo, fizemos um corte sobre as unidades discursivas de matérias voltadas para a educação que mereceram grandes debates, através da realização de inquéritos, muitas vezes, publicados em edições sucessivas e em primeira página. Os inquéritos faziam parte de um gênero jornalístico que ficava entre o informativo e o opinativo (Crato, 1989), frequente na imprensa portuguesa no início do século passado. Os inquéritos eram avaliações de natureza qualitativa, quando os informantes – o público leitor – escreviam para o jornal e este publicava, normalmente na íntegra, os referidos depoimentos. Após inúmeras contribuições, o impresso dava um parecer conclusivo, assinalando as convergências e as divergências em torno das posições levantadas. Detive-me mais de perto no inquérito sobre as escolas primárias, com destaque para os prédios escolares, para acompanhar o desnude da situação da escola portuguesa. No *Correio de Aracaju* a tônica discursiva foram as querelas, entre intelectuais, ainda centrada em produções de artigos cujas armas verbais eram usadas com destrezas em ambas as partes, em defesa de ideias nas quais acreditavam como sendo verdadeiras.

A análise de discurso do impresso permitiu-nos, portanto, acompanhar o movimento das ideias pedagógicas que circulavam na época. Acompanhamos, em suas páginas, o calor dos acontecimentos, de um passado presentificado com todas as suas ambiguidades e seus interesses marcados pelas relações de poder e saber de homens imersos no seu tempo.

ENUNCIADOS FINAIS

Os estudos comparados na atualidade apontam para a compreensão dos processos de trocas culturais em diferentes perspectivas investigativas, mostrando-nos, do ponto do ponto de vista



histórico, as conexões entre diferentes aspectos da vida social, mas, sobretudo, as similitudes e/ou as diferenças entre aspectos culturais, em suas continuidades e descontinuidades, dispersão e assimilação, fracionamentos e universalismos.

Concordamos com Madeira (2011) de que os estudos realizados no campo da História da Educação revelam configurações culturais que se tocam com outras, pois cada contexto educacional se apropria de ideias, modelos e práticas muitas vezes difundidos como modelos mundiais e reinterpretam e adaptam conforme os desafios locais em redes de interdependências cada vez mais amplas, cuja origem certamente se deu na Renascença e hoje se amplia vorazmente sobretudo por conta dos avanços das tecnologias da informação e da comunicação. Neste sentido, procuramos algumas ferramentas cognitivas em Foucault para entender essas conexões, em nível discursivo, sem nos deprender as relações interculturais que abraça qualquer objeto em Educação.

A análise de discurso, portanto, na educação contribui para o entendimento de como em cada época e em cada sociedade os discursos foram construídos (emergência), dando-nos conta de uma determinada formação discursiva nesse campo. Possibilita o entendimento das falas de alunos, professores, gestores, pais, e também o dito em impressos, documentos oficiais, cadernos escolares, entre outras fontes. Seus enunciados compõem um jogo de relações de poder e saber e apontam para uma determinada formação discursiva. A análise do discurso, tanto como técnica de pesquisa quanto como metodologia, nessa perspectiva, responde adequadamente à tarefa do investigador no campo da Educação.

As conexões entre os discursos dos impressos, do ponto de vista histórico nos permitiu compreender que a circulação de ideias, as diferentes apropriações em cada contexto responderam alguns imperativos de imitação e de renovação dos sistemas educativos nos impressos exemplificados, porém assumindo o caráter descontínuo e contingente dessas realidades e desses impressos.

Dessa forma, ressaltamos a fecundidade da análise de discurso, fundamentada nas ideias foucaultianas, para o entendimento não só dos enunciados em si, mas, sobretudo, nas possibilidades efetivas de acompanhar, analisar e compreender os processos de circulação de modelos pedagógicos através dos impressos, mediante abordagem comparativa de natureza intercultural.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fátima. **A nova ordem educacional, espaço europeu de educação e aprendizagem ao longo da vida**. Coimbra, Almedina, 2008.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

AZEVEDO, Joaquim. **Sistema educativo mundial**: ensaio sobre a regulação transnacional da educação. Vila Nova de Gaia, PT: Fundação Manuel Leão, 2007.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004.



CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini, 1. reimpr. São Paulo: UNESP, 1999.

CRATO, Nuno. **A imprensa: iniciação ao jornalismo e à comunicação social**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 1982.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à nova história**. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. 1 reimpresão. Campinas, São Paulo: Editora Estadual de Campinas, 1992.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução de Alfrego Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. (novembro de 2001) Foucault e a análise do discurso. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf/>. Acesso em 24 de jun. de 2011.

_____. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão**. São Paulo: Autêntica, 2012.

FORQUIM, Jean-Claude. **Escola e cultura**. Tradução: Gaucira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FLORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2005.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

GRUZINSKI, Serge. O que é um objeto mestiço? PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004. PP. 253-277.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GRONDA, José Gonçalves. **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

HANS, Nicholas. **Educação comparada**. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.



IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

JARDINE, Gail McNicol. **Foucault e educação**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Mangualde: Edições Pedagogo, 2007.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, janeiro/julho de 2001, n. 01. p. 9-43.

KOFES, Suely. Os discursos da comparação: anotações para a discussão. In: COVA, Ana; RAMOS, Natália e JOAQUIM, Tereza. **Desafios da comparação: família, mulheres e gênero em Portugal e no Brasil**. Oeiras: Celta, 2004.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Educação comparada**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1961.

MADEIRA, Ana Isabel. **A construção do saber comparado em Educação: uma análise sócio-histórica**. Lousã: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2011.

PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina e colaboradores. **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Tradução Vinicius Figueira Duarte. Porto Alegre, Artmed, 2008.

POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault: entrevistas**. São Paulo: Graal, 2007.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; Almeida Filho, Naomar de. **A universidade do século XXI: para uma Universidade Nova**. Coimbra: Almedina, 2008.

SOBRAL, Maria Neide. **Vitrine das letras: discursos jornalísticos e a modernidade pedagógica em Sergipe/Brasil e em Portugal**. São Cristóvão-SE: Editora UFS, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

VITAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

